

# Censura, fantasma de múltiplas faces

Texto de Manuel Carlos Chaparro

*O XIS DA QUESTÃO - Não é na palavra **censura** que está o perigo. A palavra existe para definir uma quase infinidade de situações, várias delas convenientes à democracia e à cultura, inclusive o arbítrio jornalístico de publicar ou deixar de publicar. O perigo está no estabelecimento ou no consentimento do poder arbitrário de censurar.*

## **1. Lembrando Paulo Freire**

A censura torna-se tema recorrente sempre que alguém vai à Justiça denunciar abusos da Imprensa ou solicitar medidas liminares contra tais riscos. Ou quando, em nome da moral e dos bons costumes, algum poderoso senhor pretende impor medidas restritivas a certos conteúdos, em certos horários, na programação da televisão. Ou quando, nos jogos de poder das redações, um editor autoritário altera, mutila ou elimina o texto de outros

Dizia o sábio Paulo Freire que a língua era a única arma imbatível de liberdade, porque através dela os dominados podem-se defender. Talvez por isso - e esta já não é uma reflexão de Paulo Freire, mas de Ciro Marcondes Filho, no seu livro “O discurso sufocado” - quem controla a linguagem entra na mira do sistema dominante. Na visão de Ciro, são formas desse domínio os blocos de pensamento padronizado, que impedem o acesso da inteligência à relação social real, por meio de estereótipos, slogans, frases, princípios e outras ferramentas de homogeneização de idéias e convicções. E a isso também se chama censura.

Embora fora de moda como eixo teórico, essa visão ideológica do mundo dividido entre opressores e oprimidos ainda é uma forma de entender a questão da censura. A censura é um exercício efetivo de poder, e uma agressão à liberdade quando sustentado pela força ou pelo arbítrio, para controlar divergências ou oposições. O ápice do processo está na censura prévia, de natureza política, odiosa forma de sufocar dizeres e clamores dos mais fracos, tão inaceitável em regimes democráticos quanto indispensável em ditaduras.

Ora, se países como o Brasil são democracias institucionalizadas, sólidas, ainda que imperfeitas, como rotular de censura procedimentos formalmente discutidos e definidos nas regras do jogo democrático?

Poderemos qualificar de censura o controle social de riscos educativos oferecidos por televisões somente interessadas em audiência?

Serão censura os mecanismos ético-jurídicos de proteção aos direitos individuais à honra e à privacidade?

Censura, sim senhor. Só que censura cultural, que não pode ser confundida com a censura política.

## ***2. Defesas culturais***

Não há cultura sem censura. Faz parte do processo. Cada cultura tem em si mecanismos próprios, objetivos ou subjetivos, de filtragem, rejeição ou exclusão de tudo o que considera perigoso ou ameaçador. Padre católico não entra em púlpito protestante, e vice-versa. Discurso direitista não tem espaço em convenção esquerdista. Os projetos do Palmeiras não serão noticiados no jornal do Corinthians. E o hino corintiano jamais será tocado nos alto-falantes do Parque Antártica.

Jornal com identidade e perfil ideológico definido não publica tudo o que lhe chega. O *El País*, por exemplo, em seu *Libro de Estilo*, exclui do pluralismo que pratica as tendências que “propugnam a violência para o cumprimento de seus fins”.

A censura cultural funciona na preservação dos modelos e valores estabelecidos em cada país, em cada religião, em cada partido, em cada instituição, em cada família, em cada jornal, separando o que pode ou convém ser dito do que não pode ou não convém dizer, segundo critérios que qualificam o que é ou não perigoso - e isso tanto se aplica aos ambientes reacionários, que rejeitam idéias avançadas, quanto aos ambientes abertos, evoluídos, que repudiam propostas e visões conservadoras.

De pouco adianta a *Folha de S. Paulo* dizer em seu “Manual de Redação” que não considera censura o poder atribuído ao editor, de cortar, alterar ou rejeitar os textos dos repórteres. É uma forma de censura, que, no plano das intenções, visa proteger compromissos culturais do jornal com determinados valores e finalidades.

### ***3. O perigo da arbitrariedade***

Não é na palavra *censura* que está o perigo. A palavra existe para definir uma quase infinidade de situações, várias delas convenientes à democracia e à cultura, inclusive o arbítrio jornalístico de publicar ou deixar de publicar. O perigo está no estabelecimento ou no consentimento do poder arbitrário de censurar. Isso acontece quando a censura se exerce sem o respaldo de leis democráticas, ao sabor de vontades interessadas ou subservientes. Ou quando, mesmo nas democracias, as ambigüidades jurídicas criam essa possibilidade.